

CÂNCER DE MAMA E DANÇA DO VENTRE: RESSIGNIFICANDO A EXPERIÊNCIA COM O CORPO¹

Naline de Moraes Nogueira²

Hila Martins Campos Faria³

RESUMO:

O câncer de mama afeta, em sua maioria, mulheres, trazendo diversas consequências psicológicas, sociais e fisiológicas. A partir do momento em que as mulheres recebem o diagnóstico, elas passam por um turbilhão de emoções e sentimentos antes, durante e após o tratamento, interferindo diretamente no seu psicológico. Atualmente, com o avanço da tecnologia, vários métodos de tratamento vêm surgindo, porém, alguns deles resultam em modificações corporais, como a retirada da mama, queda do cabelo, inchaço de algumas partes do corpo, alterações na pele, entre outros. Isso resulta, muitas vezes, no abalo da autoestima da mulher, no questionamento sobre sua feminilidade, principalmente quando se trata de mudanças na mama, que socialmente é uma parte muito significativa para o ser mulher. Diante disso, o intuito do presente trabalho foi investigar como a dança do ventre pode influenciar na ressignificação da imagem corporal da mulher com câncer de mama. Pensou-se na dança como uma possibilidade de auxiliar nessa ressignificação, já que é voltada em especial para o público feminino e toda sua história também gira em torno das questões do feminino. Para alcançar tal objetivo, realizou-se um estudo bibliográfico narrativo baseado em artigos, livros, monografias, dissertações e teses. Como resultado, o presente trabalho aponta a dança do ventre como uma grande aliada no que se refere a uma forma de cuidado alternativo para as mulheres com câncer de mama, pois favorece a reconexão com o corpo, melhorando a qualidade de vida e a autoestima, além de possibilitar a criação de novos laços.

Palavras-chave: Câncer de mama. Dança do ventre. Ressignificação corporal.

BREAST CANCER AND BELLY DANCE: RESIGNIFYING THE EXPERIENCE WITH THE BODY

ABSTRACT:

Breast cancer mostly affects women, bringing several psychological, social and physiological consequences. From the moment women receive the diagnosis, they go through a whirlwind of emotions and feelings before, during and after treatment,

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Saúde. Recebido em 24/05/21 e aprovado, após reformulações, em 24/06/21.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: nalinenogueira@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: hilafaria@uniacademia.edu.br.

directly interfering with their psychological condition. Currently, with the advancement of technology, several treatment methods are emerging, however, some of them result in bodily changes, such as breast removal, hair loss, swelling of some parts of the body, skin changes, among others. This often results in the shake of women's self-esteem, in questioning their femininity, especially when it comes to changes in the breast, which socially is a very significant part of being a woman. Therefore, the purpose of this study is to investigate how belly dancing can influence the redefinition of the body image of women with breast cancer. Dance was thought of as a possibility to help in this redefinition, as it is aimed especially at the female audience and its entire history also revolves around issues of the feminine. To achieve this objective, a narrative bibliographic study was carried out based on articles, books, monographs, dissertations and theses. As a result, the present work points to belly dancing as a great ally with regard to an alternative form of care for women with breast cancer, as it favors reconnection with the body, improving quality of life and self-esteem, in addition to enabling the creation of new ties.

Keywords: Breast cancer. Belly dance. Body reassignment.

1 INTRODUÇÃO

Antes do surgimento da expressão da linguagem oral, os seres humanos já dançavam e se expressavam gestualmente. O homem se comunicava e se conectava com o meio em que vivia através da dança. A dança estava presente em vários acontecimentos dos povos antigos, eles dançavam para celebrar, até mesmo a morte, dançavam para pedir cura ou solicitar chuva, era muito voltada também para questões religiosas em diversos povos, já em outros, era usada mais como uma forma de entretenimento e diversão. Essa atividade era uma das mais significantes para o ser humano da antiguidade (MARBÁ et al., 2016).

A dança, além de uma atividade física, é um tipo de arte, uma arte que se faz com o corpo, é também uma forma de comunicação, um meio de expressão de sentimentos. Na dança você se conecta com seu interior, pois você dança o que sente, então o ritmo e as movimentações também vão depender do seu estado emocional. Para realizar os movimentos com êxito é necessário que a atenção esteja voltada para o corpo, e no processo de aprendizagem da dança é comum estar de frente para o espelho, para que se possa observar como os movimentos estão sendo realizados, o que faz com que a pessoa que dança esteja sempre em contato visual com o próprio corpo.

Dentre os diversos tipos de danças, encontra-se a dança do ventre, que surgiu no Egito, Mesopotâmia e na extensão do Pacífico, simultaneamente. Essa dança se manifestou a partir da necessidade de ofertar um rito, durante as celebrações religiosas, dedicado para as deusas Ísis, Ishtar e Inana. A dança também era usada com o propósito de fazer uma iniciação sexual das mulheres jovens e nos preparativos para o trabalho de parto, de acordo com Abrão e Pedrão (2005).

Segundo os autores supracitados, a dança do ventre atua no plano emocional transformando as emoções da mulher, lhe trazendo feminilidade, beleza, suavidade e leveza, de modo concomitante trabalha o sentimento de confiança e proporciona segurança. A dança colabora com a liberação dos sentimentos que ficam contidos, fazendo com que verbalizem seus temores.

De acordo com um estudo feito por Menéndez (2007), a dança do ventre permite que as mulheres se conectem com seu interior, possibilitando uma maior percepção sobre seus sentimentos e sensações. Indica que a dança fez com que elas se percebessem como um todo, proporcionando um diálogo com seu próprio corpo e ajudando essas mulheres a terem uma maior percepção de si, atuando de forma direta na qualidade de vida. Sendo assim, a autora constata que a cura do corpo e da mente são feitas simultaneamente.

Em meio aos diversos tipos de neoplasia, existe o câncer de mama que consiste em uma doença oncológica maligna com um alto índice de diagnóstico. Em se tratando dessa doença, é o principal motivo de morte entre as mulheres, independente se o país é desenvolvido ou não, o câncer de mama representa o segundo tipo mais comum mundialmente (GUERRA et al., 2015).

Depois do diagnóstico e do estadiamento do câncer, o médico abordará com a paciente as possibilidades de tratamento. Então, é necessário ponderar os benefícios de cada opção terapêuticas e os possíveis riscos e efeitos colaterais de cada um. Existem várias terapias para o câncer de mama, porém elas dependerão do tipo e do estágio da doença. Dentre os procedimentos, existem os sistêmicos, que consiste no uso de medicamentos que podem ser administrados diretamente no sangue ou via oral. São eles: quimioterapia; hormonioterapia; terapia alvo; imunoterapia. Existem, também, os tratamentos locais que visão tratar o tumor localmente, evitando afetar o resto do corpo, são eles: radioterapia; cirurgia (mastectomia), de acordo com o Instituto Oncoguia (2020a).

A cirurgia de mastectomia refere-se a um procedimento cirúrgico feito para o tratamento do câncer de mama, que consiste na retirada total ou parcial da mama. Além da retirada da mama, existem outras modificações corporais decorrentes dos procedimentos, como radiodermatite, linfadema, queda dos cabelos, entre outros, que causam grandes impactos psicológicos, uma vez que compromete a imagem corporal da mulher. Almeida e Filgueiras (2018) alegam que, devido aos efeitos psicológicos decorrentes da retirada total ou parcial da mama, por ela ser um órgão extremamente simbólico para as mulheres devido a sua ligação com a feminilidade, sexualidade e maternidade, o câncer de mama é uma das doenças mais temidas por elas. O seio é considerado o atributo sexual que mais se destaca na mulher, sendo a parte do corpo que tem ligação com a sedução, com o prazer e parte importante da conexão entre a mãe e o bebê.

Considerando os impactos do câncer de mama na vida da mulher, a dança se apresenta como uma possível aliada no que diz respeito à reconexão da mulher com o seu corpo. Tendo em vista que a dança do ventre possibilita essa ligação do corpo com a imagem corporal, uma vez que trabalha com as emoções e sentimentos de quem dança, emergiu o desejo de compreender como essa prática poderia colaborar na ressignificação da imagem corporal. No decorrer do trabalho, são abordados temas sobre o impacto do câncer mamário e seus tratamentos, a influência da dança do ventre na imagem corporal das mulheres, a humanização da assistência às mulheres acometidas pelo câncer, bem como a importância da interdisciplinaridade, visando um cuidado integral. Por fim, é explanado um exemplo de projeto que usou a dança do ventre para fins terapêuticos.

A partir das considerações feitas acima, o presente trabalho tem como objetivo principal investigar como a dança do ventre pode influenciar na ressignificação da imagem corporal da mulher com câncer de mama. Para isso, foi preciso pesquisar sobre o câncer de mama e sua representação na vida pessoal da mulher e compreender a dança do ventre e a sua influência na imagem corporal da mulher.

A metodologia utilizada foi um estudo bibliográfico narrativo com o uso de artigos, livros, e trabalhos acadêmicos. As buscas eletrônicas foram feitas através do Google Acadêmico e do Scielo, sendo priorizados os artigos dos últimos dez anos. Contudo, alguns artigos mais antigos foram mantidos por terem sido considerados de grande relevância. Foram usados os descritores: câncer de mama e dança do ventre;

mulheres mastectomizadas; câncer de mama e impactos psíquicos; câncer de mama e subjetividade feminina; dança do ventre; subjetividade corporal; e humanização dos cuidados. As revisões narrativas são publicações extensas adequadas para referir e discutir a construção ou a apuração de um tema estabelecido, de acordo com o enfoque teórico contextual. São compostos por análises de literatura encontrada em livros, artigos de revistas impressas e ou em meio digital, na visão e na análise crítica individual do autor. A função primordial desse tipo de artigo é o ensino contínuo, já que permite ao leitor requalificar e adquirir o conhecimento a respeito de um determinado assunto em um pequeno período (SALLUM; GARCIA; SANCHES, 2012).

2 CÂNCER DE MAMA E O IMPACTO PSICOSSOCIAL

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (BRASIL, 2019), o câncer é uma doença que ocasiona o crescimento desordenado das células, que ocupam tecidos e órgãos. Essas células se dividem rapidamente e têm a tendência de serem muito agressivas e incontroláveis. Determinam o desenvolvimento de tumores, que podem se disseminar para diversas regiões do corpo. Acomete milhares de pessoas e é a segunda principal causa de morte no mundo. Em 2018, foi responsável por 9,6 milhões de mortes, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2020).

Essa doença se dá por conta de uma alteração nas células normais se tornando células tumorais que passam por várias etapas de desenvolvimento, que costumam evoluir de uma lesão pré-cancerosa para tumores malignos. Tais modificações são decorrentes da correlação de fatores genéticos e fatores externos. Alguns fatores externos são: radiação ultravioleta, tabagismo, sedentarismo, etilismo, consumo excessivo de alimentos industrializados, infecções causadas por determinados parasitos, vírus ou bactérias, entre outros (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020). As modificações podem acontecer em genes especiais, que são chamados de proto-oncogenes, que inicialmente são inativos em células normais. A partir do momento em que entram em atividade, os proto-oncogenes se transformam em oncogenes, que são culpados por tornar as células normais em cancerosas (BRASIL, 2019).

Dentre os vários tipos de câncer, que chegam a mais de 100 tipos, existe o câncer de mama, que é um tipo mais comum entre as mulheres do que nos homens. Ele é relativamente raro em mulheres com menos de 35 anos e, acima desta idade, sua ocorrência aumenta gradativamente, principalmente após os 50 anos (BRASIL, 2019).

Depois de receberem o diagnóstico de câncer, é normal que as pacientes respondam emocionalmente com ansiedade, raiva e depressão. Logo que a mulher recebe o diagnóstico de câncer de mama, ela passará por diversas etapas consequentes à descoberta da doença, tais como questionamentos internos, desde negar a doença, até o momento de aceitação e procura pelo tratamento. No decorrer dessa etapa de conflitos internos, as pacientes e seus familiares procuram o auxílio de outros profissionais na esperança de que se tenha um diagnóstico diferente do inicial. Entretanto, é necessário levar em consideração que as respostas diante de um quadro de câncer mamário dependerão da personalidade de cada paciente, do estágio da doença, do tratamento realizado e da forma que ela vive, se possui condições favoráveis para lidar com a doença, como o apoio de amigos, familiares e profissionais que a acompanham (MALUF; MORI; BARROS, 2005). Segundo Silva, Aquino e Santos (2008), o adoecimento do corpo pode interferir no estado psicológico do indivíduo do mesmo modo que as questões psicológicas, sejam elas cognitivas, emocionais e motivacionais, influenciam na saúde do corpo e impactam diretamente ou indiretamente nas doenças.

Nos últimos anos aconteceram avanços importantes no tratamento do câncer de mama, especialmente no que se refere às cirurgias menos mutilantes, bem como a busca de um tratamento mais individualizado (BRASIL, 2021). Um dos tipos de tratamento é a mastectomia, que consiste numa intervenção cirúrgica que se dá pela retirada total ou parcial da mama. Frequentemente, é executada quando não se pode fazer o tratamento com uma cirurgia conservadora da mama (lumpectomia), que poupa boa parte da mesma. Pode ser realizada também, caso a mulher prefira a mastectomia sobre o procedimento cirúrgico conservador de mama por motivos pessoais, de acordo com o Instituto Oncoguia (2020b).

Pelas características da mastectomia, o método de tratamento tem consequências significativas no que diz respeito à identidade feminina. Além da retirada da mama ou parte dela, os tratamentos adicionais podem acarretar na perda

dos cabelos, cessar a menstruação ou deixá-la irregular e causar infertilidade, enfraquecendo o sentimento de identidade feminina (SILVA, 2008).

Dentre os tratamentos adicionais, existe a Radioterapia. Esse tipo de tratamento é local-regional, visando a cura, a melhora, profilaxia ou palição, tendo indicação exclusiva ou relacionada com outros tratamentos, tais como a quimioterapia e a cirurgia. Essa modalidade de tratamento pode acarretar algumas complicações devido a radiação ionizante. Uma delas é o dano causado na pele, denominado de radiodermatite, que são lesões que podem surgir de forma aguda ou tardia. Sendo assim, prejudicam a qualidade de vida da pessoa impactando em sua autoimagem e afetando sua autoestima, o que pode fazer com que o indivíduo se isole socialmente (BLECHA; GUEDES, 2006).

Referindo-se ao corpo feminino, o aparecimento dos seios durante o período da puberdade, juntamente com outras mudanças corporais, se relaciona profundamente com a vivência interna de ser mulher. Por se referir a uma parte do corpo que está em evidência tanto para si quanto para os outros, apresenta implicações importantes, já que mostra abertamente a condição de ser mulher. Afirma-se então que a imagem corporal serve de suporte para a identidade feminina (TEIXEIRA, 2008). Para a sociedade, as mamas são vistas como representação da condição feminina. A fisionomia dos seios se relaciona com a sensualidade, feminilidade e a vaidade por um corpo bonito. A mama, também, apresenta uma função importante na maternidade, que no meio social é um papel significativo para as mulheres. Vale ressaltar que, para as mulheres, o peso da estética corporal é muito grande, transformando assim, em um objeto psicossocial (SILVA et al., 2010; ALMEIDA; FILGUEIRAS, 2018).

Para a mulher, é marcante a experiência do processo cirúrgico da retirada da mama, pois este procedimento provoca modificações significantes na imagem corporal da mulher. Essas mudanças pedem, de certa forma, tempo e empenho para que as mulheres possam encontrar formas de se adaptarem ao novo corpo e enfrentarem essa condição. Tendo em vista que é uma cirurgia invasiva e mutilante, retrata uma agressão à mama e ao corpo por inteiro. Ao encarar esse “novo” corpo, essa nova realidade, a mulher tem uma tendência a emergir sentimentos de medo, inquietação e tristeza (TIMM et al., 2017).

De acordo com o estudo feito por Silva et al. (2010) as mulheres que tiveram que passar pelo procedimento da mastectomia relatam que tiveram seus corpos mutilados, saindo dos padrões de beleza, e ficam envergonhadas perante a sociedade, dado que a imagem corporal é um elemento fundamental para a elaboração da autoimagem, assim como ser valorizada pelas pessoas. Para elas a mama tem uma representação de sensualidade, feminilidade e beleza, já que elas apresentam uma preocupação demasiada em relação a imagem corporal, e a mama é uma parte relevante para essa imagem, bem como para a sua identidade.

Em uma pesquisa feita por Rocha et al. (2016), foi constatado que depois de todo o tratamento e da perda do seio, que é um órgão repleto de significados, as mulheres não apresentam vontade de relacionamentos amorosos e têm receio de que não serem mais desejadas por sentirem-se incompletas. O apoio de seus companheiros nesse momento é fundamental, pois elas temem não serem mais atraentes sexualmente. Algumas evitam esse tipo de relação por medo de serem rejeitadas. Então o carinho, o apoio, o companheirismo e o amor recebidos dos cônjuges são muito importantes em todas as etapas do tratamento, visto que elas precisam se sentir aceitas e compreendidas.

3 DANÇA DO VENTRE E SUA INFLUÊNCIA NA IMAGEM CORPORAL DA MULHER

Na sociedade em que vivemos existe um padrão de beleza que nos é imposto desde cedo. Nos dias atuais somos bombardeados o tempo todo através vários tipos de meios de comunicação, principalmente de mídias sociais, por imagens, vídeos e textos que impõe como deveria ser a estética perfeita. Muitas das vezes essa estética perfeita é praticamente inalcançável ou até mesmo irreal, e isso faz com que mulheres com corpos reais sintam-se desencaixadas desse padrão. As autoras Almeida e Filgueiras (2018) constatam que essa intensa procura pelo corpo perfeito está ultrapassado alguns limites. Houve um aumento na realização de cirurgias estéticas, muitas vezes desnecessárias, uso inadequado de hormônios esteroides e dietas absurdas, que podem levar a transtornos alimentares, tudo isso para se encaixar num padrão estabelecido pela sociedade. Com isso, o corpo acaba se tornando uma mercadoria e meio de trocas sociais, sendo dominado por ideias higienistas,

moldando-se a partir do meio e da época em que está inserido, segundo uma visão foucaultiana.

A imagem corporal é formada unicamente por cada ser humano e é baseada na interação com o outro. A idealização do corpo perfeito pode ser entendida como uma adequação que a pessoa faz do que a sociedade impõe a ela como expectativas e valores. Essa imagem se forma como uma comunicação complexa, algo a ser decifrada. É o espaço em que o desejo é incorporado, é onde se encontram as memórias afetivas dos laços primais, que é renovada frequentemente (ALMEIDA; FILGUEIRAS, 2018)

Hernandes (2018) traz a ideia de que a mulher, de certa forma, fica refém dos padrões de beleza atuais, causando grande insatisfação quando não alcançado. O padrão estético feminino contemplado pode influenciar no bem-estar da mulher em relação ao seu corpo, sendo capaz de gerar um afastamento entre o que é idealizado e o que é real. Conforme o grau de afastamento, muitas mulheres se encontram decepcionadas com seu corpo e passam uma vida buscando incessantemente se aproximar do padrão de beleza que foi imposto pela sociedade. Muitas vezes essas mulheres rejeitam sua própria imagem e baseiam sua busca em outra imagem corporal, a que nos é imposta.

Considerando que o processo da mastectomia afeta diretamente a imagem corporal da mulher e que isso impacta negativamente na sua autoestima, fazendo com que se sinta “menos” mulher, pensa-se a dança do ventre como uma forma de resgatar os diversos aspectos relacionados à feminilidade tais como a sensualidade e a beleza de acordo com a sua origem e de como ela vem se repercutindo até os dias atuais. Segundo uma pesquisa feita por Marbá, Silva e Guimarães (2016), a dança, no geral, é um tipo de atividade corporal que oferece vantagens em relação à saúde, principalmente à melhoria da autoestima. A dança é considerada como uma fonte que proporciona vários benefícios, como a integração com outras pessoas, condicionamento físico, prazer de praticá-la e uma boa qualidade de vida. Além disso, as participantes da pesquisa consideraram a dança como uma “terapia motivacional”.

De acordo com os autores, a dança do ventre é considerada umas das artes mais antigas e uma forma de linguagem corporal. Ela foi utilizada pelas civilizações e povos antigos para marcar acontecimentos importantes em determinadas épocas e culturas, como rituais religiosos e/ou culturais, festividades relacionadas ao

nascimento, relacionadas a agricultura, entre outros. Ela costumava ser ligada à outras atividades, normalmente musicais, e algumas vezes era obrigatória. (KUSSUNOKI; AGUIAR, 2009).

A dança do ventre teve sua origem nas antigas civilizações do Oriente Médio e é um dos estilos de dança ancestrais ligada ao sagrado, fazendo parte de alguns cultos que eram realizados à “Grande Mãe” (SANTOS; CAMARGO, 2018). Os povos antigos tinham muita ligação com a natureza e seus fenômenos. Segundo Bencardini (2009), esses povos presumiam que os eventos naturais como chuva, raio, sol, entre outros, eram proporcionados por deuses e deusas, que eram representados, também, por forças da natureza. Entretanto, acreditavam que os deuses, os homens e toda forma de vida teriam vindo de uma energia criadora, de um grande útero, que seria o útero da “Grande Mãe”. Logo, a dança do ventre é considerada como uma prática sagrada, uma homenagem a essa Mãe criadora de tudo, podendo ser realizada como ritos praticados por mulheres e meninas, para se fortalecerem e prepararem seus corpos para o casório, a perda da virgindade, a gravidez e o trabalho de parto.

Como a dança do ventre, originalmente, foi e ainda é voltada para as questões do feminino, do simbólico do que é ser mulher, proporcionando muito contato com o corpo devido a atenção que se deve dar à movimentação enquanto se dança, segundo Angnes (2015), a dança pode possibilitar a sensação do próprio corpo trazendo-o para consciência. Dessa forma, ela pode oferecer várias vantagens como a melhora da autoestima e o desenvolvimento do senso de dignidade, possibilitando que a mulher se conscientize sobre seu valor. De acordo com Hernandez (2018), a dança do ventre se mostra como uma prática agradável, de fácil acesso e eficiente, ajudando no entendimento do espaço, proporcionando consciência corporal, relaxamento e o aumento da autoestima, pois oferece melhoras da qualidade de vida e da percepção da imagem corporal, além de oportunizar o contato com um grupo de mulheres.

Um estudo relaciona a imagem corporal das mulheres que passaram pela mastectomia devido ao câncer de mama com o auxílio que a dança do ventre pode oferecer (MENÉNDEZ, 2007). O estudo afirma que a dança proporcionou às mulheres uma reconexão com seu interior, fazendo com que elas identificassem sensualidade e até medo, sentimentos e sensações que algumas vezes não eram percebidos. Ressalta que a dança proporciona um despertar dessas mulheres para a sua completude, por conseguinte fazendo com que elas dialogassem com seus corpos e

oportunizando que elas se vissem como mulheres e femininas, aumentando a percepção delas mesmas, inferindo de modo direto na qualidade de vida e no despertar da sensualidade. Conclui que as recuperações físicas e mentais seguem juntas, dado que elas são dependentes entre si.

Levando em consideração que os tratamentos do câncer de mama afetam a imagem corporal, fazendo com que a mulher se sinta menos mulher, conseqüentemente implicando na sua sexualidade, Layo (2016) traz que a movimentação da dança do ventre faz com que a mulher crie o que ele chama de inteligência sexual, já que a dança possibilita um melhor conhecimento de si, desenvolvendo confiança, segurança, fazendo com que a mulher se responsabilize por suas vontades, que progressivamente se tornam genuínas e experimentados de um modo que emoção e corpo se interajam (apud HERNANDES, 2018).

Por fim, destaca-se que a dança do ventre possui uma função significativa no resgate do feminino, já que ela é feita, prioritariamente, para o corpo feminino. Nesse percurso do autoconhecimento proporcionado pela dança, adentra-se num processo da cura de si mesma, através do aumento da sensualidade, da autoestima e do reconhecimento das próprias emoções. As dançarinas são reatadas ao feminino, ao sagrado, ao que é prazeroso, ao sentimental e à tudo aquilo que se diz que é necessário para a feminilidade (XAVIER, 2006 apud ANGNES, 2015).

4 A DANÇA COMO UMA ALTERNATIVA DE CUIDADO

Passar por todos os processos do câncer de mama, desde seu descobrimento até o tratamento e a cura, abala psicologicamente, fisicamente e socialmente a mulher. Sendo assim, entende-se que é necessário o cuidado integral à essa mulher, com o objetivo de diminuir o sofrimento causado pela doença e melhorar a qualidade de vida.

Diante desse cenário de dor e sofrimento acarretado pela doença e das mudanças drásticas que acomete não apenas a pessoa doente, mas também seus familiares e pessoas próximas, é necessário prestar um cuidado humanizado e acolhedor a todos os envolvidos. Isso porque não se trata de apenas mais uma pessoa doente, mas de um sujeito com múltiplas necessidades, um ser humano, que exerce

um papel importante dentro de uma família, que tem sentimentos, sente dores, tem suas vontades e que no momento está diante da percepção da finitude de sua vida.

De acordo com Porto (2013), o objetivo almejado a partir da humanização é atentar-se à dignidade do indivíduo, respeitando seus direitos, dado que o ser humano deve ser colocado como prioridade. Então, na relação entre paciente e profissional da saúde devem ser levados em consideração ao cuidar, sua dignidade, liberdade e seu bem-estar.

Cabe aqui destacar a Política Nacional de Humanização (PNH), do Ministério da Saúde, que teve seu início em 2003 e tem como objetivo executar os fundamentos do SUS no dia a dia da rotina de gestão e atenção, tornando a saúde pública brasileira qualificada e estimulando funcionários, agentes e usuários a terem uma troca solidária. Em todas as políticas e programas do SUS a PNH deve estar inserida. É importante a promoção do contato entre esses três grupos, podendo gerar várias discussões que buscam mudanças que fazem com que exista um modo melhor de cuidado e outras formas de organização do trabalho (BRASIL, 2017).

Sendo assim, dar uma assistência mais humanizada ao paciente oncológico e sua família constitui-se: na utilização de ações que forneçam oportunidades em que todos possam expressar seus sentimentos e dar valor a eles; na possibilidade de identificar áreas eventualmente problemáticas; no reconhecimento de fontes de apoio, podendo ser de fora ou de dentro da família; na garantia de acesso a informações; no fornecimento de ajuda para encontrar meios de resolução dos problemas decorrentes do tratamento; no oferecimento de instrumentos que possam facilitar a tomada de decisões em relação aos tratamentos oferecidos; e, por fim, em atitudes de autocuidado. A disponibilidade, o processo de aceitação e escuta, o gerar e manter um espaço terapêutico, estão entre as diversas ações de saúde indispensáveis para possibilitar cuidados que priorizem, entre outros, as questões psicológicas (COSTA, LUNARDI FILHO, SOARES. 2003).

Nesse contexto da humanização da assistência, deve haver clareza e franqueza na comunicação entre os pacientes, familiares e profissionais. Uma medida terapêutica eficiente são as estratégias e técnicas que possibilitam que o paciente divida o que sente, seus medos, inseguranças e angústias. Desta forma, se torna um desafio para os profissionais da saúde cuidar do ser humano como um todo, nos

aspectos físicos, psíquicos, sociais, espirituais, sendo uma habilidade humana e tecnocientífica (SILVA, 2012 apud LIMA, 2019).

Nesse sentido, pode-se considerar a dança do ventre como uma estratégia de cuidado integral e humanizado, tendo em vista que a dança favorece a autoexpressão e o contato com o grupo, a diversidade e a agitação podem ser benéficas para ampliar a motivação e gerar emoções positivas. Esta atividade tem uma importante representação na esfera simbólica e emocional, sendo um meio significativo no contato com pessoas que possuem modelos culturais, expressões ou sentimentos e comportamentos semelhantes, tudo isso sendo mostrado através do movimento (STURM et al., 2014; GOLDOV, 2011 apud CARVALHO et al., 2018).

Para que seja possível incluí-la no processo de reabilitação das mulheres acometidas pelo câncer e usá-la como modalidade de intervenção nos programas de cuidado com as pacientes, seria necessário que houvesse a atuação de uma equipe multidisciplinar, pois isso exigiria a comunicação entre os profissionais da área da saúde que faria parte deste programa em hipótese.

Existem diversas formas de terapia alternativas, entre elas as terapias criativas que incluem dança, música, arte e drama, que atualmente já são uma realidade dentro dos meios de cuidado e reabilitação de pacientes oncológicos. Hoje em dia, pouco a pouco, a medicina tradicional busca introduzir as práticas das medicinas complementares e a influência psicossocial para o aumento na qualidade de vida das pessoas com câncer. A dançaterapia é uma prática que possibilita que áreas adormecidas sejam estimuladas, proporcionando autoconhecimento físico e faz com que os alunos tenham a oportunidade de compreender seus limites e a possibilidade de ultrapassá-los, sendo esta prática mais voltada para o movimento criativo (BRADT et al., 2015; KRAMPE et al., 2010 apud NOGUEIRA 2020)

A prática da dança fornece diversos momentos de descobrimento do prazer de dançar, superando situações em que há desafios em relação a se relacionar e a permitir que toque e seja tocada. A dança é uma atividade coletiva que contribui para o sentimento de pertencimento dentro de um grupo que colabora com condutas relacionais coesas e de temperança visando um objetivo comum. Traz melhorias ao desenvolvimento da autoestima embasado no respeito das regras e na segurança em si mesmo e nas outras pessoas (NOGUEIRA, 2020).

O grupo de dança, voltado para o público oncológico, poderia funcionar como uma espécie de grupo de apoio, já que dança é uma atividade coletiva e proporciona o sentimento de pertencimento a um grupo, principalmente se as pessoas que o compõem tiverem características em comum. O grupo pode fornecer apoio, troca de experiências, além de proporcionar o contato com a diversidade de corpos, de idades, de estilos de vida, com pessoas diferentes.

De acordo com um estudo feito por Santos et al. (2011), o esquema de grupo consiste em uma categoria de assistência que fornece continência para assuntos de cunho emocional causados pelo câncer de mama e seus tratamentos. Assim, as participantes do grupo podem dividir com outras pessoas seus sentimentos e questões sobre a doença e as terapêuticas instituídas, reforçando a oportunidade das mulheres retomarem o controle de suas vidas, ao invés de continuarem num posicionamento submisso frente aos profissionais da saúde. Isso favorece o empoderamento, motivando a adesão de comportamentos otimistas frente às dificuldades, o que é importante para encorajar a busca pela saúde. Dessa forma, a existência de um grupo onde a mulher possa se apoiar pode intensificar as capacidades e aptidões de mulheres que passam por esse tipo de circunstância em seu trajeto gradual de recuperação da saúde física, psicológica, social e espiritual.

Um exemplo de projeto que utiliza a dança do ventre para fins terapêuticos é o *Ventre Amigo*. Este projeto foi desenvolvido em um hospital escola de Juiz de Fora, de agosto de 2015 a junho de 2017. O projeto teve como objetivo receber mulheres que sofreram alterações na mama e/ou uroginecológicas. Seu caráter interdisciplinar possibilitou que as diversas demandas das mulheres participantes fossem atendidas. O projeto mencionado usou a dança como uma forma de arte que utiliza a expressão corporal na sua completude, envolvendo conteúdos de caráter emocional, cognitivo e multissensorial. As integrantes do projeto, ao dançar, se percebiam novamente incluídas no meio social, pois as aulas de dança eram uma oportunidade de fazer amizade e se encontrar com outras pessoas, criando, também, um laço no qual as mulheres podiam se apoiar. As aulas de dança do projeto eram realizadas por uma psicóloga e professora de dança do ventre que atuava profissionalmente no setor nacional e internacional. Contava, também, com uma equipe formada por fisioterapeuta e nutricionista (CARVALHO et al., 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no presente trabalho, conclui-se que o câncer de mama é uma doença que acomete, em sua grande maioria, as mulheres e que as afeta emocionalmente durante todo o seu processo, principalmente quando se trata das modificações corporais que acontecem devido aos tratamentos do câncer. Uma das modificações mais radicais é a mastectomia, que consiste na retirada parcial ou total da mama, e em nossa sociedade a mama tem uma grande representação do ser mulher, ser feminina e sedutora, do ser mãe e servir como uma fonte de alimentação para a sua cria. Quando essa mama é mutilada, é como se a mulher perdesse algumas dessas características, afetando diretamente na sua imagem corporal e na percepção de si, muitas vezes fazendo a mulher se sentir envergonhada de seu corpo, abaixando a autoestima, até mesmo afetando as relações com seu cônjuge, família e amigos.

A dança do ventre, por ter seu caráter histórico voltado para o sagrado e o feminino, traz delicadeza e sensualidade, promovendo um maior contato com o corpo, com seu interior e suas emoções, favorecendo o aumento da autoestima e a criações de vínculos e redes de apoio. Por ser uma atividade física que trabalha questões motoras, sociais e psicológicas, faz com que haja uma melhora na qualidade de vida da pessoa que dança. Sendo assim, a dança do ventre pode ser considerada uma alternativa favorável no processo de terapia das mulheres com câncer de mama, ajudando-as a ressignificar o corpo que muitas vezes é modificado e mutilado em decorrência dos tratamentos da doença.

Ao compreender o impacto que o câncer de mama e seus tratamentos causam na imagem corporal da mulher e avaliar como a dança do ventre atua na percepção do corpo de quem dança, espera-se que o presente trabalho traga a reflexão sobre a possibilidade da dança do ventre ajudar na ressignificação da imagem corporal das mulheres que passaram pelo processo de mudança corporal devido ao câncer de mama. Dessa forma, destaca-se a relevância desse tema ser discutido e considerado, já que não há muitos estudos na área, o que trouxe alguns limites para a pesquisa bibliográfica. Por fim, cabe ressaltar que não foram encontrados muitos serviços de saúde que oferecem essa alternativa de cuidado, talvez devido à falta de profissionais que detém conhecimento e competência para esse tipo de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tatiana Rodrigues de; FILGUEIRAS, Maria Stella Tavares. O QUE NARCISO ACHA FEIO: corpo ideal e imagem corporal no câncer de mama. In: FILGUEIRAS, Maria Stella Tavares; FARIA, Hila Martins Campos; ALMEIDA, Tatiana Rodrigues de (org.). **Câncer de Mama: interlocuções e práticas interdisciplinares**. Curitiba: Appris Editora, 2018. p. 1-199.
- ANGNES, Tailine. **Os benefícios da dança do ventre em mulheres com câncer de mama: uma revisão integrativa**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Campus de Sinop. 2015. 61 f. Disponível em: <<https://bdm.ufmt.br/bitstream/1/1700/1/TCC-2015-TAILINE%20ANGNES.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- BENCARDINI, Patrícia. **Dança do ventre: ciência e arte**. Barúna: Barúna, 2009.
- BLECHA, Flávio Peixoto; GUEDES, Maria Teresa dos Santos. Tratamento de radiodermatite no cliente oncológico: subsídios para intervenções de enfermagem. **Revista Brasileira de Cancerologia**, [S.L.], v. 2, n. 52, p. 151-163, mar. 2006. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_52/v02/pdf/revisao1.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da saúde (INCA). Instituto Nacional do Câncer. **Como surge o câncer?** 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/como-surge-o-cancer>>. Acesso em: 29 nov. 2020
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização - HumanizaSUS**. 2017. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus#:~:text=A%20Política%20Nacional%20de%20Humanizaçã,o,entre%20gestores%2C%20trabalhadores%20e%20usuários>>. Acesso em: 19 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da saúde (INCA). Instituto Nacional do Câncer. **Tratamento para o câncer de mama**. 2021. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/controle-do-cancer-de-mama/acoes-de-controle/tratamento>>. Acesso em: 08 jun. 2021
- CARBONARI, Karla; SEABRA, Carolina Ribeiro (org.). **Psico-oncologia assistência humanizada e qualidade de vida**. São Paulo: Editora Comenius, 2013.
- CARVALHO, Simone Meira; TOLOMELLI, Fabiana Andrea; GUSMÃO, Amanda Lopes; GRINCENKOV, Fabiane Rossi dos Santos. CORPO, FUNCIONALIDADE, ESPIRITUALIDADE E CÂNCER DE MAMA. In: FILGUEIRAS, Maria Stella Tavares; FARIA, Hila Martins Campos; ALMEIDA, Tatiana Rodrigues de (org.). **Câncer de Mama: interlocuções e práticas interdisciplinares**. Curitiba: Appris Editora, 2018. p. 1-199.

COSTA, Cleonice Antonieta; LUNARDI FILHO, Wilson Danilo; SOARES, Narciso Vieira. Assistência humanizada ao cliente oncológico: reflexões junto à equipe. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 56, n. 3, p. 310-314, Jun 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672003000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 maio 2021.

INSTITUTO ONCOGUIA. **Mastectomia para câncer de mama**. 2020b. Disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/mastectomia-para-cancer-de-mama/6564/265/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

INSTITUTO ONCOGUIA. **Tratamentos do Câncer de Mama**. 2020a. disponível em: <<http://www.oncoguia.org.br/conteudo/tratamentos/15/12/>>. Acesso em: 21 maio 2021.

GUERRA, Maximiliano Ribeiro et al. Sobrevida por câncer de mama e iniquidade em saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 8, p. 1673-1684 ago. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000801673&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 maio 2021.

HERNANDES, Janete Capel. **Qualidade de vida e imagem corporal de mulheres que praticam dança do ventre**. 2018. 211 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9105#:~:text=No%20estudo%20transversal%2C%20houve%20correlação,preocupação%20com%20a%20imagem%20corporal>>. Acesso em: 19 maio 2021.

KUSSUNOKI, Sandra Aparecida Queiroz; AGUIAR, Carmen Maria. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 708-712, 11 maio 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20764/WOS000270451700026.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

LIMA, Ivani de Oliveira Queiroz Casimiro de. **Comunicação promovida por uma equipe multidisciplinar ao paciente com câncer em cuidados paliativos**. 2019. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Especialização em Cuidados Paliativos, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17333/1/IOQCL15102019.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2021.

MALUF, Maria Fernanda de Matos; MORI, Lincon Jo; BARROS, Alfredo Carlos S. D. O impacto psicológico do câncer de mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, São Paulo, v. 2, n. 51, p. 149-154, 12 abr. 2005. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_51/v02/pdf/revisao1.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MARBÁ, Romolo Falcão; SILVA, Geusiane Soares da; GUIMARÃES, Thamara Barbosa. Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. **Revista Científica do Itpac**, Araguaína, v. 1, n. 9, p. 1-9, fev. 2016. Disponível em:

<https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

MENÉNDEZ, Thatiane Bortolozo. **Câncer de mama e imagem corporal: uma busca através da dança do ventre.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade São Marcos: São Paulo, 2007. 66 f. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/cancer-mama-imagem-corporal/cancer-mama-imagem-corporal.shtml>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

NOGUEIRA, Paula Pinto. **Programa de intervenção de fisioterapia com dança para mulheres mastectomizadas sobreviventes de cancro da mama.** 2020. 129 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Fisioterapia, Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/12760/1/Programa%20de%20intervenção%20de%20fisioterapia%20com%20dança%20para%20mulheres%20mastectomizadas%20sobreviventes%20de%20cancro%20da%20mama.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Folha informativa. **Câncer.** Out. 2020. Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/topicos/cancer> >. Acesso em: 19 maio 2021.

ROCHA, Jucimere Fagundes Durães et al. MASTECTOMIA: AS CICATRIZES NA SEXUALIDADE FEMININA. **Revista de Enfermagem Ufpe On Line**, Recife, v. 10, n. 5, p. 4255-4263, nov. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11171/12705>> . Acesso em: 19 maio 2021.

SALLUM, Ana; GARCIA, Dayse; SANCHES, Mariana. Dor aguda e crônica: revisão narrativa da literatura. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 1, p. 150-4, 2012.

SANTOS, Ana Luíza Almeida; CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Dança do ventre: da tradição à modernidade. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 22-46, 20 fev. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1764/1210>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SANTOS, Manoel Antonio dos; PRADO, Maria Antonieta Spinoso; PANOBIANCO, Marislei Sanches; ALMEIDA, Ana Maria de. Grupo de apoio a mulheres mastectomizadas: cuidando das dimensões subjetivas do adoecer. **Revista da Spagesp**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 27-33, dez. 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3694357/mod_resource/content/1/Artigo%20grupo%20de%20apoio%20a%20mulheres%20mastectomizadas.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

SILVA, S. S; Aquino, T. A. A.; Santos, R. M. O paciente com câncer: cognições e emoções a partir do diagnóstico. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, dez. 2008.

Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872008000200006>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SILVA, Sílvio Éder Dias da et al. Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 5, p. 727-734, out. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000500006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 nov. 2020.

TEIXEIRA, Iracema. O resgate da auto-estima: o desafio de superar as repercussões do tratamento cirúrgico do câncer de mama. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 51-69, jan. 2008.

TIMM, Marcella Simões et al. A imagem corporal na ótica de mulheres após a mastectomia. **Ciência, Cuidado e Saúde**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 1-8, 10 jul. 2017. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v16i1.30151>. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/30151/19805>>. Acesso em: 29 nov. 2020.